

# Exibição de curtas no RS e um exemplo a ser seguido

## Curtas nos cinemas comerciais

Em Porto Alegre, é possível assistir a curtas-metragens em todos os cinemas comerciais da cidade, filiados ao Sindicato dos Exibidores do Estado do Rio Grande do Sul. Isto significa que 11 empresas de cinema exibem curtas antes de um longa estrangeiro. O projeto intitulado “Curta nas Telas” é fruto de uma negociação entre a APTC-ABD/RS, o Sindicato dos Exibidores, a Coordenação de Cinema e Vídeo de Porto Alegre e a Câmara Municipal – especialmente dos vereadores Lauro Hagemann (PPS) e João Motta (PT). Depois de um ano de negociação, a idéia virou realidade em setembro de 1996. Os filmes, em 35mm e com duração máxima de 15 minutos, são selecionados a cada três meses por uma comissão com representantes das entidades envolvidas. A programação é feita em sistema de rodízio – a cada quinze dias uma sala da cidade abre espaço para a exibição de um curta. R\$ 1.500,00 é a remuneração que o produtor do filme recebe pelo aluguel da cópia e o pagamento sai dos cofres da Prefeitura.

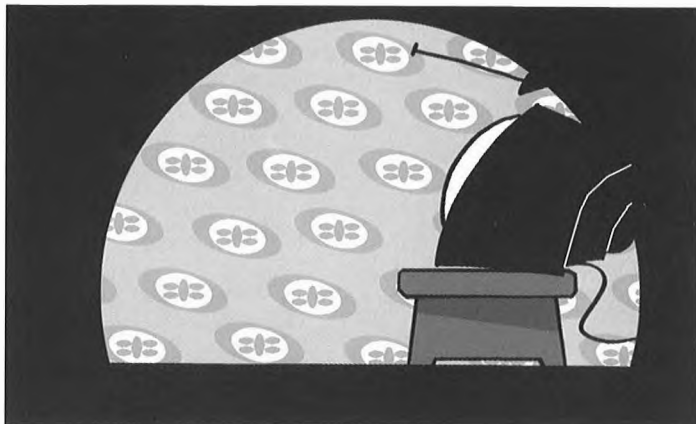
Segundo Beatriz Barcellos, responsável pela Coordenação de Cinema e Vídeo, o que destaca o “Curta nas Telas” é o fato de ser baseado em uma negociação entre as partes, e não em uma imposição. “Além disso, o cachê pago pela Prefeitura valoriza o realizador”.

Rogério Brasil Ferrari, presidente da APTC-ABD/RS, entende que o apoio das autoridades é fundamental: “A Prefeitura, por entender que o incentivo à exibição é tão importante quanto o dispensado à produção, que já é uma tradição no Estado, teve a sensibilidade necessária para viabilizar esta iniciativa.”

A parceria entre exibidores e a APTC é boa e na opinião de Ferrari, isto tem colaborado com o projeto.

Tanto na APTC, quanto a Coordenação de Cinema são unânimes em dizer que a qualidade dos filmes é ótima e a aceitação do público é excelente. Para Ricardo Diffini Leite, presidente do Sindicato dos Exibidores do Estado, a situação é um pouco mais polêmica. “Acho que o curta tem que melhorar muito em termos de qualidade e se preocupar mais com as exibições comerciais. Entretanto, percebo um grande avanço, especialmente na produção gaúcha. A receptividade não é tão calorosa e às vezes os espectadores reclamam. Na minha opinião, a aceitação depende do filme. Os exibidores tentam associar curtas e longas que sejam compatíveis. Além disso, os resultados são melhores quando o produto tem um apelo mais comercial, trata de temas mais próximos ao cidadão comum”. De qualquer maneira, Ricardo explica que o Sindicato apóia o Projeto porque acha importante esta parceria com a Prefeitura e com a APTC.

Para Ferrari, não existe nenhum problema de receptividade. “Os curtas estão ocupando até importantes espaços na TV! Não temos dúvidas quanto à aceitação das platéias. Além disso, o projeto tem uma grande importância tanto pela conquista do espaço de exibição quanto pela formação de público”.



## Os curtas conquistam a televisão aberta em horário nobre

Os curtas-metragens gaúchos também ocupam espaço na tela da televisão aberta. A RBS TV, afiliada da Rede Globo no Estado do Rio Grande do Sul, estreou, em 18 de março de 2000, o programa *Curtas Gaúchos*. Nele, a produção gaúcha de cinema nos formatos 16mm e 35mm é exibida para os 497 municípios do Estado, atingindo dez milhões de habitantes e três milhões de domicílios com aparelhos de TV.

Esta é a primeira experiência da RBS com curtas metragens em canal aberto. A rede gaúcha tem um horário optativo nas tardes de sábado, cedido pela Rede Globo. “O ‘Curtas Gaúchos’ foi criado inicialmente como um projeto para quatro semanas. Mas os resultados foram tão surpreendentes, em termos de repercussão e audiência, que vamos manter o programa até o final do ano” – informa Gilberto Perin, diretor geral do programa. Para ele, apenas uma pequena parcela da população tinha acesso aos filmes, mesmo os mais premiados. “O grande público, aquele que mora no interior, nunca teve a oportunidade de ver a produção cinematográfica gaúcha.”

A apresentação do programa é feita pelo cineasta Werner Schünemann. Diretores e atores dão depoimentos sobre o filme na abertura, que dura em média 2 minutos. “No primeiro bloco, tentamos despertar o interesse do telespectador”.

O público respondeu à iniciativa devido à curiosidade de conhecer a produção regional. Além disso, a possibilidade de ver na tela as paisagens, os costumes, os atores gaúchos e de reconhecer a cultura estadual são outros atrativos. Segundo Perin, as pessoas ficaram sabendo que o curta metragem é um excelente produto, com cuidado técnico e artístico.



A RBS reconhece os méritos do programa. “Considerando o aspecto cultural, estamos mostrando obras locais. A emissora tem uma relação direta com a comunidade e, por enquanto, está absolutamente focada na produção do Estado, pois é o mercado onde a rede atua. Queremos ver este mesmo mercado se desenvolvendo cada vez mais. Em termos de audiência, que é o que sustenta uma emissora comercial e, portanto, não pode ser esquecida, conseguimos ótimos resultados”.

Os curtas gaúchos passam por uma seleção e os exibidos recebem um cachê de R\$ 300,00 para duas exibições. “Escolhemos os filmes, em primeiro lugar, pelas suas condições técnicas. Em segundo, pela temática que possuem”.

O programa tem quatro cotas de patrocínio, que sempre estiveram preenchidas. “Tem patrocinador na fila de espera: quando sair um, automaticamente entrará outro”.

Até agora, 25 curtas já foram apresentados. O Ibope tem registrado a audiência de 37 pontos, com picos de 43 pontos, números excelentes para as tardes de sábado.

## Curtas em vídeo

A Casa de Cinema de Porto Alegre, uma das produtoras mais atuantes no mercado cinematográfico, lançou um projeto inovador – cinco fitas de vídeo, com 21 filmes de curta e média metragem produzidos no Estado. O projeto “Curtas em Vídeo” está sendo comercializado desde novembro do ano passado. Os materiais são organizados de acordo com seus temas, formando um painel com cinco volumes – Histórias da Cidade, Histórias do País, Histórias de Amor e Morte, Histórias Reais e Histórias Radicais.



A iniciativa foi financiada pela Casa de Cinema e pelo Fumproarte, um fundo municipal de apoio à produção artística. Segundo a produtora Luciana Tomasi, o auxílio do Fumproarte foi muito importante, pois dificilmente as vendas pagariam o alto investimento.

O principal objetivo do projeto é aumentar o espaço de distribuição dos filmes. “Não queremos ficar apenas no circuito de festivais. Pretendemos aumentar o alcance ao público”.

A produção das fitas foi feita pela própria Casa de Cinema, que teve muito fôlego para realizar o projeto. “As dificuldades foram muitas. Levamos dois anos para conseguir a qualidade que queríamos.”

A distribuição para todo o território nacional é feita em parceria com as distribuidoras Cult Filmes e Funarte-DECINE. Stella Natale, gerente comercial da Cult Filmes, conta que as fitas foram bem aceitas pelas locadoras “profissionais”, porque conhecendo seus clientes, entendem que o importante é diversificar. Infelizmente, essa categoria é minoria. “É muito difícil comercializar esse tipo de produto. A maioria das locadoras não aposta na compra, pois acredita que não existe público para curta-metragem. De qualquer maneira, acredito que a distribuição em vídeo é uma boa alternativa para o curta, mas é necessário estimular a procura por este material.” – explica Stella.

Pensando nisso, a Casa de Cinema, a partir dos próximos meses, vai aumentar o trabalho de divulgação. “As fitas ainda são muito novas no mercado. É preciso que todo o país tome conhecimento do lançamento”, afirma Luciana Tomasi.

O diálogo entre governantes e entidades: um modelo a ser seguido

Outros projetos de distribuição de curtas metragens ainda estão por vir. O Rio Grande do Sul terá, ainda este ano, um circuito estadual de exibição. A iniciativa, explica Angelisa Stein, diretora do IECINE, Instituto Estadual de Cinema, prevê a projeção de curtas antes de longas-metragens e será realizado em salas comerciais do interior do Estado. Filmes de todo o país serão selecionados e, como deve ser, os produtores serão remunerados.

Além disso, uma parceria com a TVE/RS está sendo formada para a exibição semanal de curtas gaúchos. O programa intitulado *Curta Cinema na TVE* tem como principal objetivo a formação do público.

É importante ressaltar que os projetos que já estão em funcionamento, bem como os futuros, fazem parte de uma ampla política de desenvolvimento do setor audiovisual do Rio Grande do Sul. Beto Rodrigues, gerente executivo da Fundacine, explica que a raiz do êxito institucional do cinema gaúcho é o diálogo mantido entre governantes e entidades. Segundo Angelisa, o Estado reconhece o esforço das organizações e dialoga, obtendo assim um somatório de forças. “Desta forma, as soluções encontradas sempre estarão mais

próximas da eficiência, pois são o resultado de uma organização do setor”.

A participação do poder público é tida como fundamental para o desenvolvimento do cinema. Rogério Brasil Ferrari, presidente da APTC-ABD/RS, acredita que o Estado deva administrar o sistema de distribuição, eliminando as arestas entre produtores, exibidores e distribuidores, além de remunerar este circuito. “O Governo fomenta a produção. Então, como produtor, ele deve ter o interesse de que os filmes alcancem os espectadores.”

As iniciativas de distribuição têm como principal objetivo aumentar o contato do público com a produção. Beto Rodrigues enfatiza que o grande mérito desses projetos é a possibilidade do cineasta contar com a oportunidade de ter a sua obra fruída, degustada e avaliada por um público aleatório.

Para o realizador Tarcísio Lara Puiati, cinema só é válido quando tem espectadores. O “Curta nas Telas” e o “Curtas Gaúchos” fazem nascer uma cultura de exibição, que conquista um público novo. Flávia Seligman, produtora e diretora de curtas, que já teve seus curtas exibidos nos cinemas e na TV, acrescenta que a remuneração dos produtores é uma prova de respeito e valorização do curta-metragem.

O ideal é que programas como estes sirvam de modelo para novas conquistas do curta no Brasil. “Nós, gaúchos, temos orgulho dos projetos que estão em funcionamento. Mas sabemos que isto não é o suficiente para nós e nem para o cinema brasileiro. Queremos ver esta realidade espalhada por todo o território nacional”, declara Rogério Ferrari. “É importante um esforço para a implantação de um sistema nacional de exibição de curtas nas salas comerciais. O público brasileiro precisa conhecer a produção do seu país”, finaliza Angelisa Stein.

*Aleteia Selonk*

